

A ESCOLA COMO UM ESPAÇO DE VIVÊNCIAS E DESCOBERTAS: RELATOS SOBRE EXPERIÊNCIAS PRÁTICAS NO CMEI MARIA EUNICE DAVIM (NATAL, RIO GRANDE DO NORTE)

Viviane Costa Fonseca de Almeida Medeiros (Autora), Mayara Ferreira de Farias (Co-autora), Emanuela Carla Medeiros Queiroz (Orientadora)

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, E-mail: liramedeiros@yahoo.com.br, E-mail: mayaraferreiradefarias@gmail.com, E-mail: manumedeiros2005@hotmail.com

Resumo: Este trabalho refere-se às experiências compartilhadas durante o Estágio Supervisionado em Educação Infantil II, do Curso de Pedagogia à Distância da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. O referido estágio foi realizado no CMEI - Centro Municipal de Educação Infantil Maria Eunice Davim, localizado no conjunto Pirangi, bairro Neópolis na cidade de Natal, entre os meses de agosto a outubro de 2016. A proposta de intervenção/regência foi desenvolvida com base no projeto de pesquisa intitulado *A vida das corujas*, que teve como linha condutora a construção coletiva do aprendizado, pautada na formação de sujeitos reflexivos e ativos. A experiência do estágio aconteceu na turma “A” do nível III, com crianças de 4 a 5 anos de idade acompanhadas por uma professora com formação inicial em Pedagogia. A metodologia para o estudo qualitativo e de caráter descritivo e teve como objetivo analisar a rotina na Educação Infantil e as práticas desenvolvidas pela equipe pedagogia. Na regência, foram desenvolvidas atividades relacionadas à Linguagem oral e escrita, natureza e sociedade, à música, à expressão corporal e pedagogia da terra, com foco na formação humana e integral das crianças. Para o respaldo teórico e metodológico esteve à frente documentos oficiais e autores como Sen (2000), Rousseau (2004), Boff (1996), Brasil (1998), Freire (1996), entre outros teóricos. Como resultados dessa experiência significativa, foi possível compreender a prática pedagógica na Educação Infantil como espaço de vivência, interação e descoberta, necessários para uma formação cidadã e autonomia para toda vida.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado, Educação Infantil, Vivências e descobertas.

Introdução

O presente trabalho abordará a rotina na Educação Infantil no Centro Municipal de Educação Infantil Maria Eunice Davim, em especial os momentos vivenciados na turma do Nível III, matutino, sob a orientação da professora orientadora e orientadora do estágio supervisionado II.

O Centro Municipal de Educação Infantil Maria Eunice Davim recebeu este nome em homenagem a mãe do vereador Paulo Davim, apenas por motivos políticos. Assim a instituição foi reinaugurada no dia 22 de abril de 2015, na atual gestão do prefeito Carlos Eduardo Alves. Anteriormente, ela dividia espaço com outro CMEI em um centro cultural no conjunto de Pirangi, bairro de Neópolis, com muitas debilidades na infraestrutura, a inadequação do espaço - o mesmo era dividido entre dois CMEIS, realidade superada pela persistência da diretoria e comunidade escolar que identificou no mesmo bairro um prédio abandonado da FUNDAC - Fundação Estadual da Criança e do Adolescente,

porém, foi cedido ao governo do estado pela Prefeitura de Natal, sendo assim, após esta investigação que teve a iniciativa da equipe pedagógica do referido CMEI, a escola passou a funcionar nesse lugar de forma mais apropriada.

Hoje, o CMEI conta com um espaço adequado às necessidades educacionais das crianças. Conta com cinco salas para sete turmas, sendo três de tempo integral (um nível I e dois níveis II, sendo um o II A e o II B). Estão divididos da seguinte forma: um nível I tarde, dois níveis III sendo um pela manhã e outro à tarde e um nível IV pela manhã. Todas estas turmas representam um total de 142 alunos e 140 famílias.

Conta, ainda, como uma sala para brinquedoteca e um acervo, depósito, para todo o material das crianças, como fardas entre outros. Uma diretoria, uma secretaria, uma coordenação pedagógica, uma sala de professores, um parquinho, quatro banheiros sendo dois masculinos e dois femininos divididos apenas entre os de crianças e os de adultos.

Com relação ao corpo docente, a já referida escola conta com 10 professoras, sendo uma por turma, porém, para os níveis I e II são duas professoras e uma estagiária por sala. Estas referidas professoras são todas graduadas com pós-graduação, dentre elas, apenas uma tem somente a graduação. Além destes, a equipe escolar conta com uma diretora doutora em educação e a vice-diretora é graduada, três secretários, duas coordenadores pedagógicos. A equipe pedagógica é formada por concursados, já os demais colaboradores são terceirizados.

O CMEI funciona em dois turnos, das sete horas da manhã até às 16 horas. No período matutino as atividades são das 07h00min às 12h00min e no vespertino das 12h00min às 16h00min. Neste período, as crianças fazem duas refeições por horário. Pela manhã, café e almoço, à tarde, almoço e jantar, realizadas no refeitório da escola que também serve de espaço de convivência e confraternizações.

Como referenciado anteriormente, o estágio foi realizado na turma “A” do nível III que contava com 19 crianças matriculadas, porém, a frequência variou todos os dias, o maior número de crianças que vivenciamos ao longo do estágio foi 16 crianças. A turma tem apenas uma professora que se desdobra para atender as necessidades educacionais, do brincar, do cuidar, e do educar, diariamente.

Os caminhos construídos pelo CMEI Maria Eunice Davim e por toda e qualquer instituição de ensino que prima pela autonomia e formação. Neste sentido, abordaremos no tópico seguinte a proposta norteada das ações pedagógicas do referido CMEI. O CMEI Maria Eunice Davim tem por caminhos norteadores a escola como campo de investigação, neste sentido prima pela formação pessoal, social, pela descoberta da identidade e autonomia por meio do

conhecimento de mundo, são elementos inerentes a este processo de construção do conhecimento. Desta forma, as crianças serão capazes de se tornarem sujeitos e protagonistas de suas histórias e não apenas replicadores de conceitos ou teorias, necessárias, porém descontextualizadas.

Suas ações estão contidas nas diretrizes e nos parâmetros estabelecidos pelo Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil - RCNEI (BRASIL, 1998), que são: desenvolver uma imagem positiva de si, de forma cada vez mais independente, descobrindo suas habilidades e suas limitações; incentiva o conhecimento de seus próprios corpos de maneira progressiva, desenvolvendo e valorizando hábitos e cuidados com a própria saúde e bem estar; Fazem com maestria o estabelecimento de vínculos afetivos e de trocas entre adultos e crianças, fortalecendo, desta maneira, a autoestima e ampliando gradativamente suas possibilidades de comunicação e interação social.

Por essa razão, todas as turmas desenvolveram projetos de pesquisa em áreas distintas partindo da curiosidade de cada uma. O Nível III manhã pesquisou sobre a vida da coruja, animal símbolo da sabedoria, por essa razão é a imagem símbolo da pedagogia, além destas características, este animal é de fundamental importância para o controle de pragas urbanas como os ratos, uma vez que os mesmos se alimentam de roedores. Para além da cientificidade, a coruja também é símbolo de família e de cuidados, na experiência popular quando a mãe e uma boa mãe são chamadas “mãe coruja”. Por essa razão, a professora escolheu trabalhar a vida das corujas.

As atividades desenvolvidas, no período do estágio, seguiram a mesma linha condutora para o desenvolvimento da pesquisa em curso, a relação entre a coruja e a vida em família. Foi elaborado um projeto centrado na importância da pesquisa ação para a formação dos sujeitos, uma vez que a pesquisa ação possibilita ao pesquisador realizar tanto as atividades investigativas como também a participação nas ações propostas e desenvolvidas em conjunto com professores e crianças no decorrer das atividades desenvolvidas.

Metodologia

A partir da vivência, no decorrer do estágio tivemos a oportunidade de observar e descrever a rotina da referida instituição educativa, seu dia a dia escolar, como prática inerente ao processo de ensino e aprendizagem das crianças. Neste sentido, o presente artigo apresenta os caminhos percorridos pelo estágio que foi desde a observação participante até a elaboração do plano de ação e planejamento desenvolvido na regência, com especial destaque para a análise da rotina

como campo de ação dos docentes e de vivência das crianças. Para conhecer o processo educativo, apontaremos as dificuldades e as possibilidades da experiência vivenciada no referido CMEI como uma oportunidade para o reconhecimento da importância da Educação Infantil. Desta feita, o presente artigo foi composto, inicialmente, pela caracterização da instituição onde a experiência foi desenvolvida em seus aspectos físicos, quantitativos e humanos. Assim como da descrição da rotina desta referida turma, bem como as ações desenvolvidas pela equipe pedagógica que esteve centrada na pesquisa e no conhecimento prévio destas crianças, as ações foram com base em três perguntas chaves “O QUE SEI, O QUE QUERO SABER E O QUE APRENDI”, desta maneira a uma valorização do conhecimento de mundo das crianças e um aprofundamento do mesmo por meio da pesquisa que ocorria com o auxílio dos pais e da equipe pedagógica em questão.

Em se tratando do respaldo teórico e metodológico, esteve à frente documento oficial e autor como Sen (2000), Rousseau (2004), Boff (1996), Brasil (1998), Freire (1996). Autores que abordam tanto as discussões teóricas sobre a rotina na educação infantil, quanto referências em uma educação humana centrada nos sujeitos, além de reflexões sobre o papel do educar, do brincar e do cuidar como eixos centrais e norteadores das práticas pedagógicas. Em se tratando do desenvolvimento, também foi dada ênfase a Amartya Sen (2000), autor que discute o desenvolvimento a partir das liberdades individuais e coletivas, que perpassam pela educação como instrumento de politização dos sujeitos, conforme argumenta Paulo Freire (1996) ao mencionar que educação sem politização não há transformação.

Resultados e Discussão

As práticas pedagógicas para a pré-escola e creche devem conter dois eixos principais para a elaboração do currículo, estes que devem ser norteados por interações e brincadeiras. Desta forma, as ações devem galgar que as crianças possam aprender sobre si e sobre o mundo, por intermédio de experiências sensoriais e expressões corporais, possibilitando movimentação ampla, além do respeito pelo ritmo e desejos das crianças. Deste contexto também deve se proporcionar as crianças à imersão às diferentes formas de linguagem como, gestual, verbal, plástica, dramática e musical, bem como os gêneros textuais orais e escritos.

Nesta linha de pensamento, é válido ressaltar que possam ser recriadas situações quantitativas, orientações temporais, formas e medidas. Logo, consideramos ser imprescindível estimular a participação das crianças nestas atividades de forma individual e coletiva.

As situações de aprendizagem devem ser mediadas para que por meio desta, que é a principal característica do pensamento de Vigotsky (1991) a zona de desenvolvimento proximal, que também possibilita a estas pequenas vivências éticas e proximidade da diversidade cultural, fazendo com isso a inserção de valores distintos ao nosso.

É necessário, porquanto, que nós possamos preparar nossos educandos para conviverem de forma harmônica com a biodiversidade e possam compreender nosso papel na preservação e na sustentabilidade do planeta terra. Possibilitar, também, que estes sujeitos possam ter acesso às tecnologias da informação para que, desta maneira, possam ter contato as TIC's, ferramentas que são de suma importância para a formação integral destes sujeitos.

A partir dos eixos curriculares, foi construído o plano de ação condizente com as necessidades educacionais dos sujeitos inseridos na educação infantil, que está centrado no brincar, no educar e no cuidar, uma vez que ele norteia todas as ações dos profissionais envolvidos na educação dos sujeitos, desde os professores, que estão na linha de frente, ou seja, estão na sala de aula diretamente envolvidos no dia a dia das crianças, além dos coordenadores pedagógicos e dos diretores destes espaços.

Assim, podemos direcionar nossas propostas aos objetivos de formação destes sujeitos integrando nossas ações as já desenvolvidas pela equipe pedagógica escolar. Outrossim, todas estas diretrizes forem levadas em consideração quando as propostas pedagógicas dos centros de educação infantil foram construídas, e os maiores beneficiados serão as crianças que frequentam estes espaços. Como consequência disso, sujeitos socialmente ativos protagonistas de suas histórias.

Destarte, recorresse aos argumentos de Rousseau (2004), o mesmo deixa claro que para as crianças possam no futuro serem adultos independentes e seguros, faz-se necessário que os olhares sejam voltados para as crianças e sua liberdade. Com isso, ele afirma que devemos educar para a emancipação da criança, para que quando adulto ou mesmo não precise de outro guia a não ser ele mesmo (ROUSSEAU, 2004). Fica claro, então, que o processo de ensino e aprendizagem não deve ser restrito ao ambiente escolar, devendo ser ampliado para todas as esferas sociais e ambientes em que os sujeitos vivem e convivem, em especial no seio familiar.

De forma geral, não é isso que encontramos nas salas de aula; o espaço escolar caracteriza-se como ambiente de transmissão de informações e de conhecimento. Por essa razão, os sujeitos são considerados “alunos” que hermeneuticamente quer dizer ser sem LUZ, ou seja, não sabem de nada, são tabuas rasas que vão para a escola preencher seus cérebros com conhecimento e informação, no qual tanto os

professores como os livros “sabem tudo” ou deveriam saber.

Este tipo de educação definida por Freire (1996), educação bancária, tem no outro um banco para depósito de suas informações. Por isso, não pode ser caracterizada como processo ativo e participativo, uma vez que não há troca de conhecimento de saberes de informação, apenas eu sei e você absorve e ponto. Métodos participativos ainda são em minoria, as propostas onde a uma interação entre sujeitos e professores é menos comum. Porém, há e faz a diferença na formação emancipatória, pois os sujeitos tornam-se protagonistas de suas histórias.

A metodologia de projetos é um exemplo de proposta centrada nos sujeitos. O que eles sabem sobre determinados assuntos, o que eles querem saber, o como alcançar este conhecimento. Assim, hipóteses são levantadas, negadas ou refutadas. Desta maneira, a aprendizagem pode e deve ser caracterizada como um processo ativo e participativo.

Contribuindo com o desenvolvimento dos sujeitos, na formação da cidadania, está galgado em uma realidade concreta no *eu coletivo*. Desta maneira, as crianças aprendem a partir do contexto em que estão inseridas, por essa razão, elas se tornarão mais comprometidas com o lugar onde vivem, bem como com a necessidade de agir e interagir com o meio, pois somos partes dele.

Neste sentido, a ideia de desenvolvimento que partilhamos entre eles é o desenvolvimento oposto ao fato de apenas crescer ou regular a distribuição da riqueza, ele vai além do aumento e do crescimento numérico de valores econômicos, estando este pautado pelo desenvolvimento do ser humano (RODRIGUES, 2000). O processo de desenvolvimento consolida-se, por sua vez, quando os indivíduos tiverem os seus direitos básicos (saúde, educação, moradia, participação política não partidária) assegurados. Sendo assim, a liberdade individual é fator *sine qua non* no combate aos problemas enfrentados pelo ser humano (SOUZA, 1999).

Nessa perspectiva, Sen (2000) argumenta que o desenvolvimento é compreendido como um estado de liberdade e que está pode ser precursora de várias outras, dentre elas o livre-arbítrio político, facilidades econômicas, oportunidades sociais, garantias de transparência e a segurança protetora.

Essas liberdades poderão gerar o desenvolvimento econômico, que aumentará a renda e a riqueza de um país, refletindo, dessa forma, no aumento do intitlamento¹ econômico da população.

¹ Ou seja, a população se apoderar dos benefícios gerados pelo desenvolvimento e a estabilidade social, política e econômica.

Deste modo, faz-se necessário a criação de mecanismos de inserção voltados para a comunidade local, em atividades produtivas que proporcionem a seus membros a buscar de melhorias de suas condições sociais e econômicas e, dessa forma, o alcance do desenvolvimento pessoal e coletivo através de um mecanismo eficaz, que permita a participação coletiva dos envolvidos no processo de concretização das ações. Para tanto, faz-se necessário, desde o início da jornada escolar, trabalhar com nossas crianças estes valores, onde a coletividade, a participação, o respeito mútuo faça parte deste processo de construção de sujeitos ativos e protagonistas de suas estórias.

O referido CMEI, assim como o movimento da escola nova, nega a pedagogia tradicional, visto que o protagonista de todo o processo de ensino e aprendizagem era o professor, o ser que aprendia era considerado sem luz, ou seja, o aluno, onde seu papel neste contexto era apenas replicar, absorver e confirmar o que lhe era transmitido (FREIRE, 1996). Nessa perspectiva, os conteúdos são desvinculados da realidade na qual os sujeitos estão inseridos.

Os professores têm, apenas, o papel de repassar as informações contidas em livros e enciclopédias sem as questionar ou analisar seus conteúdos. Por essa razão, muitos alunos abandonam a escola, pois não se sentem parte dela, logo, eles têm no seu cotidiano melhores referências de ensino e de inserção social, já que podem fazer parte da realidade, vivenciam como relata o texto poético Ascenso Ferreira.

Minha escola

A escola que eu frequentava era cheia de grades como as prisões.

E o meu Mestre, carrancudo como um dicionário;

Complicado como as Matemáticas;

Inacessível como Os Lusíadas de Camões!

À sua porta eu estava sempre hesitante...

De um lado a vida... - A minha adorável vida de criança:

Pinhões... Papagaios... Carreiras ao sol...

Voos de trapézio à sombra da mangueira!

Saltos de ingazeira pra dentro do rio...

Jogo de castanhas...

- O meu engenho de barro de fazer mel!

De outro lado, aquela tortura:

"As armas e os barões assinalados!"

- Quantas orações?

- Qual é o maior rio da China?

- A $2+2$ $AB =$ quanto?

- Que é curvilíneo convexo?

- Menino, venha dar sua lição de retórica!

- "Eu começo, atenienses, invocando a proteção dos deuses do Olimpo para os destinos da Grécia!"

- Muito bem! Isto é do grande Demóstenes!

- Agora, a de francês:

- Quand le christianisme avait apparu sur la terre...

- Basta

- Hoje temos sabatina...

- O argumento é o bolo!

- Qual é a distância da Terra ao Sol?

- Não sabe? Passe a mão à palmatória!

- Bem, amanhã quero isso de cor...

Felizmente à boca da noite,

eu tinha uma velha que me contava histórias...

Lindas histórias do reino da Mãe-d'Água...

E me ensinava a tomar a bênção à lua nova

(Ascenso Ferreira, 1927).

Por isso, faz-se necessário a transdisciplinaridade, para que não haja fracionamento dos elementos necessário ao ensino e à aprendizagem, e não a transmissão de conteúdos de maneira fragmentada, já que somos sujeitos integrais e não fragmentados, assim, “[...] conhecer em si não transforma a realidade: transforma a realidade somente a conversão do conhecimento em ação transformadora”, e a conversão da ação transformadora em conhecimento “[...] não apenas muda a realidade, mas muda também o sujeito” (BOFF, 1996, p.17-18).

Refletindo sobre as ideias de Boff (1996) relacionando-as com a vivência do estágio, convém afirmar que o projeto interdisciplinar desenvolvido no CMEI durante o estágio teve por objetivo integrar os conhecimentos das diversas disciplinas escolares, que, em suma, são trabalhados isoladamente. Após observação da realidade vivida por estes sujeitos, suscitou o desenvolvimento das atividades relacionando-as com a vida das corujas. Envolvendo diversas áreas do conhecimento, dentre elas *ciências naturais*, uma vez que o mesmo envolveu diretamente a vida animal e seu habitat; *linguagem e escrita*, já que professora, por meio de roda de conversa, incentivou a oralidade e a produção da escrita; *musicalização* como forma de expressão corporal; *artes plásticas* através da produção de desenhos e conjuntos e contagem de elementos por meio de conceitos matemáticos.

A rotina do referido CMEI contemplou, então, inúmeras atividades internas através da caixa de área, horta, laboratório da criança e das visitas técnicas a diversos espaços dentro do município de Natal, como a ida ao Parque das Dunas para conhecer a biodiversidade e a vida dos animais, além destas visitas ao museu aeroespacial, situado na barreira do inferno pelas crianças do nível II pudessem aprofundar seus conhecimentos sobre o avião, tema este central de suas pesquisas.

Quadro 01. Rotina CMEI

Rotina	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
7: 00 às 7: 30	Acolhimento	Parque	Parque	Parque	Acolhimento
7: 00 8: 00	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche	Lanche
8:00 às 8 : 40	Roda de conversa	Roda de conversa	Roda de conversa	Roda de conversa	Roda de conversa
8:40 às 9:40	Horta	Caixa de areia	Horta	Laboratório da criança	Parque
9:40 às 10:30	Projeto vida em família (corujas)	Atividades com números	Projeto vida em família (corujas)	Leitura e contação de histórias	Números e letras no mundo da imaginação
10:30	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Com relação às atividades internas, podemos destacar o excelente trabalho desenvolvido pela

Diretora administrativa, que em sua tese de doutorado pesquisou as contribuições do laboratório da criança para uma formação integral destes sujeitos, com atividades mediadas em cinco espaços: área da informática, área de artes e descobertas, área da casa e faz de contas, área dos jogos e construções e a área da leitura.

As atividades desenvolvidas aconteceram da seguinte forma: o professor mediador primeiro fez uma roda de conversa e pediu às crianças que dissessem o que queriam fazer, na sequência explicou que neste dia elas só poderiam escolher até dois espaços. Nesta hora, o planejar entra em ação, na sequência, vem o fazer, cada grupo ocupou seus espaços e professor fará a mediação deste aprendizado, em seguida vem o arrumar conforme as habilidades de cada um. Neste processo, acontecem as vivências de cada um. Para finalizar, o que aconteceu, o que aprenderam, o que descobriram tudo é exposto em uma folha de papel madeira, para que as crianças possam visualizar todo o processo.

Imagem 01. Atividades no laboratório da criança



Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Desta forma, percebe-se que o argumento de Vesentini (*apud* FRANCISCHETT, 1997a, p. 29) é “integrar o educando no meio significa deixá-lo descobrir que pode tornar-se sujeito na história”. Faz todo o sentido as crianças do nível III podem vivenciar e construir junto com suas professoras um futuro de empoderamento e de protagonismo de suas histórias. Segundo Weisz (2002, p. 42) “[...] o que move as crianças é o esforço para acreditar que atrás das coisas que elas têm de aprender existe uma lógica”.

De acordo com este autor, tudo faz sentido para as crianças do Maria Eunice Davim, pois podem viver experiências concretas, como as vivenciadas pela produção de alimentos a partir da horta. Neste espaço, elas preparam a terra, plantam, colhem e preparam alimentos com o que colheram da horta, como saladas e bolos.

Imagem 02: Atividades na horta escolar



Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Portanto, ao partir do espaço concreto e presente na vida das crianças, o educador consegue mostrar que não há separação entre a vida cotidiana e a escola, ambas uma face da mesma moeda, que realmente existe na vida de todas as pessoas e que, para usá-la melhor, vale a pena vivê-la. Assim, não se pode dissociar o conhecimento de mundo que vem impregnando aos sujeitos.

Conclusões

Por meio de este artigo, pôde-se observar que a rotina do nível três objeto do estudo em questão assim como as diretrizes estabelecidas pelo CEMEI em questão se assemelha aos princípios da Escola Nova, proposta favorável ao desenvolvimento integral dos sujeitos, uma vez que o cerne de sua discussão é a crítica às concepções da Pedagogia Tradicional, onde o protagonista de todo o processo de ensino e aprendizagem era o professor, o ser que aprendia era considerado sem luz, ou seja, o aluno, replicador de conceitos e teorias, absorvendo e confirmando o que lhe era transmitido.

Os conteúdos são desvinculados da realidade na qual os sujeitos estão inseridos, posicionamento também dos professores que apenas repassavam as informações contidas em livros e enciclopédias sem as questionar ou analisar seus conteúdos. Práticas como estas levam muitos alunos abandonarem a escola, pois não se sentem parte dela, e tem no seu cotidiano melhores

referência de ensino e de inserção social, já que podem fazer parte da realidade, vivenciá-las, como relata em seu texto poético o autor Ascenso Ferreira (1927).

A característica marcante desta concepção de educação é a centralidade das discussões e dos processos nas crianças, ou seja, no educando. O homem, neste contexto, é compreendido como ser que vive e convive em sociedade e é passível de mutações que tanto pode modificar e ser modificado pelo meio ao qual está inserido. Neste sentido, o ser tem a capacidade de buscar soluções para os problemas que a vida os apresenta. Sendo assim, o conhecimento será resultado de sua experiência enquanto sujeito ativo de um processo em construção diária e coletiva.

Desta maneira, a ideia de *eu coletivo* exerce papel de suma relevância para a formação deste sujeito que vive e convive em sociedade, deixando de lado as concepções de uma educação bancária em que os sujeitos apenas absorvem o que lhes são transmitidos da maneira como querem que seja compreendida para uma perpetuação de um contexto desigual e desumano onde os homens são sujeitados à dominação das classes privilegiadas.

O conteúdo desta abordagem está centrado na investigação e têm como método a experiência capaz de despertar nos sujeitos o interesse, através de questões problematizadoras e instigantes. Assim, podemos finalizar estes breves momentos no CMEI com grata descoberta de um espaço de construção humana e social que é desenvolvido por estes profissionais que todos os dias dedicam parte de seu tempo e de suas vidas para transformarem a realidade de 140 famílias que vivem e convivem com professores, equipe pedagógica, e os estagiários durante grande e valiosa parte de suas vidas.

Descobriu-se, portanto, que espaços pedagógicos desenvolvendo ações transformadoras, que possibilitam aos sujeitos as liberdades e garantias associadas à teoria do desenvolvimento como liberdade.

Referências

BOFF, Leonardo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FERREIRA, Ascenso. Minha escola. (1927). In: FERREIRA, Ascenso. **Poemas**: Catimbó, Cana Caiana, Xenheném. II. Por 20 artistas pernambucanos. Recife: Nordestal, (SD).

FRANCISCHETT, Mafalda Nesi. **A Cartografia no ensino da Geografia: construindo os caminhos do cotidiano.** Dissertação (Mestrado em Educação) - UNICENTRO/UNICAMP, Guarapuava. 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos.** São Paulo: Cortez, 2002. (Coleção Docência em Formação)

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Emílio, ou, da Educação.** Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes 2004.

SEN Amartya Kumar. **Desenvolvimento como liberdade.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.